

Os becos na literatura de Cora Coralina: válvulas coronárias de Goiás além da estetização do patrimônio cultural

*The alleys in the literature of Cora Coralina:
coronary valves of Goiás beyond the
aestheticization of cultural heritage*

*Los callejones en la literatura de Cora Coralina:
válvulas coronarias de Goiás más allá de la
estetización del patrimonio cultural*

Keley Cristina Carneiro

Universidade Estadual de Goiás
keley.carneiro@ueg.br

Thays Taynara de Sousa

Universidade Estadual de Goiás
thays.ts@hotmail.com

Resumo: A histórica Cidade de Goiás possui uma estrutura urbana arraigada da arquitetura colonial. Em meio a essa composição citadina, os becos se fazem presentes, vigorosos em simbologias, histórias e presentes dentro do imaginário vilaboense, fazendo assim, parte da matriz identitária do povo da antiga capital do estado de Goiás. Mesmo com o entendimento acerca da importância dos becos para a história e cultura vilaboense, em relação a ótica patrimonial, acabam por não ter sua relevância admitida, sendo colocados em um patamar de marginalidade. Com a intenção de explorar diferentes explanações em relação aos becos da Cidade de Goiás, como parte de um processo de valorização patrimonial dos

mesmos, este escrito usa como fonte de análise o trabalho literário de uma das maiores representantes da cultura goiana, a célebre Cora Coralina. O intuito, é refletir os versos escritos por Cora Coralina sobre os becos, se colaboram ou não com a visão pejorativa e estigmatizada existente sobre eles, em relação a questão patrimonial no contexto da cidade de Goiás e ainda, se os poemas, podem ser utilizados como meio para a valorização patrimonial dos becos vilaboenses, pois, não são monumentos consagrados e visibilizados, estão além da estetização da cidade.

Palavras-chave: Becos da Cidade de Goiás. Cora Coralina. Patrimônio Cultural.

Abstract: The historic City of Goiás has an urban structure rooted in colonial architecture. In the midst of this city composition, the alleys are present, vigorous in symbolism, stories and gifts within the Vilaboense imaginary, thus forming part of the identity matrix of the people of the former capital of the state of Goiás. Even with the understanding of the importance of the alleys for the history and culture of Vilaboense, in relation to heritage, the alleys end up not having their relevance admitted, being placed on a level of marginality. With the intention of exploring different explanations in relation to the alleys of the City of Goiás, as part of a process of valuing their heritage, this writing will use as a source of analysis the literary work of one of the greatest representatives of Goiás culture, the famous Cora Coralina. The aim, is to reflect on the verses written by Cora Coralina about the alleys, whether or not they collaborate with the pejorative and stigmatized view that exists regarding them in relation to the heritage issue in the context of the city of Goiás and also, if the poems, can be used as a means for the heritage appreciation of the alleys in vilaboenses, as they are not consecrated and visible monuments, they are beyond the aestheticization of the city.

Keywords: Alleys of the City of Goiás. Cora Coralina. Cultural Heritage.

Resumén: La histórica ciudad de Goiás tiene una estructura urbana profundamente arraigada en la arquitectura colonial. Dentro de esta composición urbana, los callejones son prominentes, vibrantes en simbolismo e historia, y presentes en el imaginario colectivo de los habitantes de Vila Boa, formando así parte de la identidad de la antigua capital del estado de Goiás. Aun reconociendo la importancia de los callejones para la historia y la cultura de Vila Boa, desde una perspectiva patrimonial, su relevancia a menudo no se reconoce, relegándolos a un segundo plano. Con la intención de explorar diferentes explicaciones sobre los callejones de la ciudad de Goiás, como parte de un proceso de valoración de su patrimonio, este trabajo utiliza como fuente de análisis la obra literaria de una de las más grandes representantes de la cultura goiás, la célebre Cora Coralina. La intención es reflexionar sobre los versos escritos por Cora Coralina acerca de los callejones, para ver si contribuyen o no a la visión peyorativa y estigmatizada existente sobre ellos, en relación con el tema del patrimonio en el contexto de la ciudad de Goiás, y también si los poemas pueden utilizarse como medio para la valorización patrimonial de los callejones de Vila Boa, ya que no son monumentos consagrados y visibles, y están más allá de la estetización de la ciudad.

Palabras clave: Callejuelas de la ciudad de Goiás, Cora Coralina, Patrimonio cultural.

Introdução

Os becos da antiga Vila Boa de Goiás, são chamados por Cora Coralina como as “válvulas coronárias da cidade”. Nesta singela e poética frase, a poetisa goiana já dava a entender que os becos se constituem como lugares que dão ritmo, que pulsam a Cidade de Goiás. Tais becos nascem a partir do traçado urbanístico colonial da antiga Vila Boa de Goiás, na intenção de cortar caminhos, diminuir distâncias e facilitar o transporte de pessoas e mercadorias, enfim, geram um movimento latejante, os becos são tão importantes para Goiás, assim como as válvulas coronárias para o coração, parafraseando a poetisa (Coralina, 2001).

Além de seus usos pragmáticos, os becos também serviam de morada e espaço para as pessoas e os costumes que não eram bem vistos e acolhidos na sociedade vilaboense, os quais deveriam ficar na invisibilidade, às sombras. Mesmo assim, os moradores e frequentadores dos becos da Cidade de Goiás acabaram por construir uma cultura, abastecida de histórias e memórias. A partir disso, pode-se dizer que becos estão intimamente ligados as vivências, lembranças e esquecimentos dos moradores da Cidade de Goiás, constituindo assim um patrimônio cultural imaterial. Pois, se tem potencial mobilizador da memória e da identidade, este deve ser considerado como patrimônio (Britto, 2014).

O beco (que, em termos de especificidades espaciais, é curto, estreito e, às vezes, sem saída; quando se trata da acepção social da palavra, pode carregar significados negativos, como um lugar sinistro, sujo e, ocasionalmente, perigoso) pode ser pensando como lugar de representação simbólica da cidade, mas também como espaço para intervenções urbanas, a partir de um conjunto de significações que fazem da sua invisibilidade material, fonte para proposição de novas leituras, narrativas e sensibilidades (Santos; Gransotto, 2017, p. 01).

Mesmo com o entendimento da existência do patrimônio imaterial existente dentro dos becos, estes ainda são visualizados de forma genérica, através de uma imagem negativa. Desta forma, segue sendo necessário ir em busca das diferentes narrativas que intervêm sob os becos da Cidade de Goiás, compreendendo as motivações e os porquês dessa situação de ambiguidade em que eles estão inseridos.

Nos dizeres de Pesavento (2005, p.11), “para o resgate da memória e da história de uma cidade é preciso convocar e recolher registros de uma outra época, testemunhos e traços de diferentes naturezas”. Neste sentido, os escopo deste artigo se dá em uma breve análise dos becos a partir da obra literária de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, mais conhecida como Cora Coralina. O objetivo, é fazer um estudo sobre como os becos estão personificados dentro da poesia de Cora Coralina e se os versos escritos pela poetisa colaboram ou não para a visão marginalizada das referidas estruturas urbanas dentro do conjunto patrimonial da Cidade de Goiás.

Muitos artistas goianos, como Bernardo Elís, Goiandira do Couto e Octo Marques já escreveram ou usaram os becos da Cidade de Goiás como inspiração para quadros e desenhos. (Barbosa, 2017). Neste contexto, Cora Coralina, uma das escritoras mais famosas do Brasil e reconhecida por seus traços fortes e libertários, que também usou os becos como inspiração, motivou este breve estudo. Aninha, como também era conhecida, a referida poetisa escreveu sobre a Cidade de Goiás de uma forma singular, podendo assim ser considerada uma ótima fonte de pesquisa e análise sobre os becos da antiga capital do estado de Goiás.

Metodologicamente, este trabalho recorre a pesquisa bibliográfica e documental, a partir de autores especialistas em patrimônio e memória. Além de um levantamento sobre os becos vilaboeses e a história da escritora Cora Coralina, por meio de teses; dissertações; artigos científicos digitais; bases de dados via internet, entre outros.

Na próxima seção, intitulada “A (in) visibilidade patrimonial e memorialística dos becos da Cidade de Goiás”, são apresentadas algumas reflexões sobre os desdobramentos do conceito de memória e patrimônio a partir de autores como Pollak (1989), Todorov (2002), Simson (2000), Halbwach (1990), Márcia Chuva (2009/2020), Khaled Jr (2010), de Sousa Brito (2017) e Tolentino (2018). Em relação a marginalidade patrimonial em que os becos da Cidade de Goiás estão alocados, a principal referência se dá na tese de doutorado da pesquisadora Izabela Maria Tamasso (2017).

Já na seção três, denominada “Vida e obra de Cora Coralina”, de forma sucinta é apresentado a biografia de Cora Coralina. A vida da poetisa é

abordada, no sentido de entender sua trajetória e suas implicações no que diz respeito a suas contribuições para a cultura e história da Cidade de Goiás.

Por fim, a seção quatro, nomeada “Os becos de Aninha: uma breve análise dos becos da Cidade de Goiás, a partir do poema “Becos de Goiás”, tem como foco de estudo, um dos mais famosos poemas de Cora, ao qual está presente no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, primeira obra publicada pela poetisa.

Os questionamentos que pairam e norteiam esta reflexão, se resumem em: Como Cora Coralina descreve os becos de Goiás? Esta descrição, colabora para a visão de inferioridade patrimonial deles? Os feitos literários de Cora, viabilizam a valorização dos becos no sentido patrimonial, como parte da identidade e cultura vilaboense?

A (In) Visibilidade Patrimonial e Memorialística dos Becos da Cidade de Goiás

A memória é uma significativa fonte de estudo, principalmente quando a origem e a história de um determinado lugar estão pautadas em sua conservação. De acordo com Pollak (1989, p.204), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Ou seja, a memória está intrínseca a questão identitária, contribuindo para o resgate do “eu” e de sua união com o meio em que está inserido.

Os vigentes debates sobre a questão patrimonial, vêm nos mostrando que é a partir da preservação da memória que o passado se mantém vivo, desta forma o processo de formação das identidades pode ser entendido, revelando a maneira de como os indivíduos são inseridos em diversos contextos, Todorov (2002, p.07) diz que:

A evocação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto a do indivíduo quanto ao grupo. Sem dúvida, um e outro também se definem por sua vontade no presente e seus projetos de futuro; mas não podem dispensar-se dessa

vontade no presente e seus projetos no futuro; mas não podem dispensar-se essa primeira evocação. Ora, sem um sentimento de identidade que nos pertença, vemo-nos ameaçados em nosso próprio ser e paralisadas. Tal exigência de identidade é perfeitamente legítima: o indivíduo precisa saber quem é e a que grupo pertence.

A partir deste entendimento, a memória se constitui como um objeto importante na afirmação das identidades, tanto individuais quanto coletivas. Assim, define-se a busca pela memória como elemento fundamental para a recuperação do passado, que se investiga o nascimento e a formação das comunidades. A memória guarda as recordações, por este motivo ela pode ser instável e sensível, ela pode ser considerada individual ou coletiva, Simson (2004, p.15) diz que:

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagens, textos etc.). Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos do grupo social em que ele se formou, isto é, no qual esse indivíduo foi socializado. Há também aquilo que denominamos de memória coletiva, que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes pelos grupos dominantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória.

Para que se possa entender o funcionamento de uma cidade e os porquês da vida habitual de seus indivíduos é preciso emergir na sua memória. De acordo com Halbwachs (1990, p.54):

Embora seja fácil ser esquecido e passar despercebido dentro de uma grande cidade, aos habitantes de um pequeno vilarejo não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la. Dentro de tais meios, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. Cada um sem dúvida tem uma perspectiva, mas em relação à correspondência tão estreitas com aqueles outros que suas lembranças se deformam, basta que ele coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las.

Os becos vilaboenses são inúmeros, eles se dão como recintos de memória em que estão condensadas vivências cidadinas típicas das vicissitudes locais, tornando-os espaços demarcados de identidades espaciais, podendo ser colocados como a rememoração da vida/vivência urbana na Cidade de Goiás com sua arquitetura característica que vão dar ao vilaboense destaque do trânsito social, interagindo com os demais moradores e com a dinâmica cidadina de forma sensível e única.

Os becos serviam para encurtar distâncias, eram espécie de atalhos para as ruas e largos da cidade e originalmente sua função era atender um número restrito de residências como acesso de serviço. Funcionavam urbanisticamente como solução para a existência das extensas quadras e como entrada de serviçais e animais. Os becos ligavam ruas e eram ladeados pelos muros dos quintais e, em algumas situações, possuíam a função de escoamento das águas de rios e córregos. Na maioria das vezes, recebiam o nome dos moradores mais expressivos ou de sua característica mais marcante (Britto, 2013, p. 117).

Mesmo sendo de significativa importância para a história da cidade de Goiás, segundo Tamaso (2007), os becos não foram contemplados pela lógica de preservação patrimonial. De acordo com a autora:

Os mapas mais recentes, que informam a área tombada incluem os seguintes becos: Beco do Mingu, Beco do Sertão, Beco da Vila Rica, Travessa do Carmo e um trecho do Beco do Ouro Fino. Estão ausentes, isto sim, do tombamento! Não constam da lista dos logradouros inscritos nos Livros do Tombo. [...] Na “Carta à cidade de Goiás” publicada em 1983 e distribuída para todos os moradores da área protegida pelo IPHAN, nenhum beco consta como tombado. Inclusive aqueles situados em meio a área tombada (Tamaso, 2007, p. 504).

Mesmo estando presentes nos mapas, os becos ficam excluídos da paisagem de prestígio colocada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O que acaba colaborando com a perspectiva estereotipada em que os becos estão inseridos. Tamaso (2007, p.505) expõe uma situação delicada, ao dizer que há um “diferencial de valorização do espaço urbano por parte dos técnicos do IPHAN e pelos moradores”. Esse reconhecimento tem acontecido de forma lenta e gradativa, ainda de acordo com a autora acima citada, “oficialmente, os becos somente foram reconhecidos e acautelados com

a homologação da retificação do tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Goiás em 2004” (2007, p.505).

Desta forma, se o reconhecimento dos becos como estruturas aptas ao tombamento tem sido um processo difícil, refletir sobre os laços de memória dos povos que constituem os becos é ainda mais complexo do ponto de vista patrimonial. Em uma visão etnográfica, é de suma importância pensar os becos como memórias especificamente notáveis para os vilaboenses, pois enquanto dinâmica palpável presente na arquitetura urbana, eles operam como suportes materiais memorialísticos de suas identidades.

Nos primórdios da construção da identidade nacional brasileira, nosso país era visto somente como uma extensão da até então metrópole Portugal. Pode-se dizer, que por parte das elites, não havia um sentimento de proximidade com o emaranhado de culturas constituídas e desenvolvidas em território brasileiro pelos povos originários e africanos. De acordo com Khaled Jr (2010, p.24), “a percepção dos índios e negros em relação à colônia pouco importava para as elites, pois o Brasil era, por excelência, uma invenção do homem europeu, e cabia a ele atribuir sua significação”.

Em relação as questões que envolvem a trajetória das práticas patrimoniais no Brasil, não houve muita diferença quando comparadas ao processo de construção da identidade nacional brasileira. Na verdade, elas estão intrínsecas, pois durante muito tempo, os costumes e as edificações voltadas para a cultura europeia foram tomados como patrimônio oficial no Brasil. De acordo com de Sousa Brito (2017, p. 43), tal “cultura material foi engendrada pela narrativa nacional. Isto é, [...] o discurso do nacionalismo transformou esta cultura material em símbolo totêmico da origem cultural e política da nação.

A ampliação da noção do que viria a ser patrimônio e sua relação com a identidade brasileira, começa a tomar forma entre as décadas de 1970 e 1980. As iniciativas de preservação acabam por tomar um rumo novo, assim como coloca Chuva (2009, p. 146), “as solicitações feitas ao Estado passam a demandar uma participação na conservação daquilo que cada grupo considere seu patrimônio”. A referida autora, ainda salienta a importância da Constituição de 1988 para o Patrimônio Cultural, além do tombamento,

A ampliação da noção de patrimônio foi consagrada constitucionalmente em 1988, momento em que o decreto-lei nº

25/1937 foi reinvestido de atualidade, na medida em que os agentes envolvidos com a preservação cultural adaptaram sua aplicação aos novos preceitos. Não contemplava ainda as novas formas de proteção, posto que esse dispositivo legal regulamentava apenas o instituto do tombamento. A Constituição de 1988, no seu artigo 216, definiu de forma mais detalhada e ampla o que seria merecedor de proteção tutelar e novas formas para sua efetivação além do tombamento, embora até hoje não regulamentadas por lei: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...] (Chuva, 2009, p.149).

Inserindo tal questão dentro do panorama em que os becos da cidade de Goiás estão alocados, percebe-se algumas semelhanças. Visto que como destacado acima, mesmo tombados dentro do patrimônio urbanístico e arquitetônico da cidade de Goiás (de forma tardia), os becos ainda sofrem uma espécie de exclusão patrimonial, justamente por não estarem dentro de um determinado “padrão”. Assim, as vivências e o cotidiano dos moradores dos becos e a memória embutidas neles é deixada em escanteio.

Em relação a uma mudança de posicionamento dentro do contexto patrimonial, Tolentino (2018, p. 45/46), diz que quando:

Aloísio Magalhães esteve à frente do Centro Nacional de Referências Culturais – CNRC e posteriormente da Fundação Nacional Pró- Memória. O CNRC, como o próprio nome diz, pautava-se na ideia de referências culturais e não de patrimônio nacional, cujos projetos se baseavam no fortalecimento dos conhecimentos e referências culturais locais, com a proximidade e participação dos grupos e comunidades, em contraponto à homogeneização cultural. [...] o foco não eram os bens de pedra e cal. Seu interesse recaía as manifestações culturais vivas, inseridas nas práticas sociais contemporâneas.

Para que o processo de patrimonialização faça sentido, ele deve incluir todas as esferas. Estas e outras representações difundem um debate questionador sobre a historicidade da categoria do patrimônio, bem como suas diferentes percepções por parte dos detentores e dos órgãos oficiais, como bem diz Chuva (2020). Investigar as narrativas produzidas por parte dos detentores, colabora diretamente em uma atitude decolonial, pois falar sobre patrimônio também se deve,

[...] tratar do direito à memória e de sujeitos silenciados, penso ser imprescindível refletirmos que essas guerras de narrativas não se resolvem com a conquista do título e do reconhecimento como patrimônio nacional ou mundial, embora seja essa uma possibilidade que produz efeitos importantes. Nos planos de gestão e salvaguarda do patrimônio, essas guerras perduram (Chuva, 2020, p.32).

Diante do apontado, é função da academia denotar as formas pelas quais tensões e intensões estão submersas nos processos de reconhecimento formal do patrimônio, especialmente com relação aos valores que lhe são atribuídos, ou mesmo com relação ao reconhecimento do que é patrimônio. O debate sobre os becos e estas camadas de memórias ao se referir a dinâmica estrutural da arquitetura vilaboense dinamiza a busca de uma visão mais integrada de patrimônio, dando ênfase as lutas simbólicas e materiais sobre a categoria do patrimônio (Chuva, 2020).

Vida e Obra de Cora Coralina

A poetisa Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, é um dos nomes mais importantes e marcantes no cenário local e nacional, em relação as suas contribuições para o campo cultural e literário. Mais conhecida como Cora Coralina, destacou-se graças ao seu olhar aguçado, forte e sensível sobre a Cidade de Goiás. Vilaboense, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu em 20 de agosto de 1889, um ano bastante emblemático e pontual na história do Brasil, ano da Proclamação da República do Brasil.

Aninha, como também era carinhosamente conhecida, viveu certo tempo no interior do estado de São Paulo. Casou-se e teve filhos, e logo após a morte de seu esposo ela buscou o sustento de seus filhos a partir do ofício de doceira. No ano de 1956, já com seus 67 anos, ela regressa às terras goianas e volta a residir na cidade de Goiás, dividindo seu tempo entre o trabalho com os doces e a escrita de suas poesias. Em depoimento, a poetisa conta que:

Nasci e me criei em Goiás Velho, até que me casei. Nasci no século passado, casei-me em 1910 e um ano depois deixei Goiás e fui para São Paulo com meu marido, que não era goiano. No Estado de São Paulo vivi 45 anos da minha vida, encaixada e sem voltar à minha terra. Só voltei a Goiás em 1956. Em São Paulo tenho quatro filhos, quinze netos e quinze bisnetos e tem 21

anos que voltei a minha terra, que sempre esteve presente ao meu emocional. Nunca me apaulistei, nunca deixei de ser mulher goiana e mais que tudo, mulher sertaneja, com todas as marcas de uma mulher sertaneja que me orgulho. Depois de ter dado 45 anos da minha vida aos filhos, eu quis viver longe deles. [...] Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escrevi o primeiro livro publicado (Cora Coralina apud Delgado, 2008, p. 396).

A partir da citação acima, pode até parecer clichê, mas Cora Coralina foi uma mulher a frente do seu tempo, pois, mesmo vivendo em uma época que as mulheres não possuíam muito espaço na sociedade, com sua poesia se destacou como um dos nomes mais importantes no cenário cultural goiano. Ao se referir a essa posição de destaque na percepção de quebra de silêncios e paradigmas de inferioridade, Britto (2013, p.114) diz que Cora, “tornou-se uma das primeiras mulheres em Goiás que ousaram ser protagonistas de um novo registro, subvertendo os silêncios impostos pela ordem simbólica, não somente os da fala, mas os da expressão gestual e, principalmente, escriturária”.

A volta para a Cidade de Goiás marcou um novo momento em sua vida, um abre alas para a tomada do seu próprio eu, em que suas memórias serviram como base para seu corpo literário. Com versos formados a partir de elementos do cotidiano, Cora Coralina buscou em sua cidade natal inspiração para seus poemas, indo desde os polos de poder da antiga capital, até os becos marginais. Ainda de acordo com Britto (2007, p.01/02), “a cidade de Goiás se transformou em palco para o estabelecimento desta memória repleta de significados, captados e reconstruídos por Coralina entre um exercício de afetividade e percepção crítica”.

Pensando na construção dos poemas de Cora Coralina e em sua importância no que diz respeito a análise das relações sociais e memorialísticas da antiga capital do estado de Goiás,

Uma leitura dos significados fornecidos pela poesia de Cora Coralina (1889-1985) conduz à identificação de importantes aspectos da história e da sociedade goiana. A longevidade da autora contribuiu para que sua obra manifestasse distintas influências e retratasse elementos que, em conjunto, possibilitam recompor as relações entre gêneros, classes e gerações, as disputas pelo poder, as representações dos modos de vida, valores e crenças, enfim, as mediações entre os indivíduos e a sociedade na qual esteve inserida. As imagens tecidas através de sua criatividade ampliam as perspectivas de

análise das lutas travadas nos séculos XIX e XX no interior brasileiro e, em um diálogo entre texto poético e contexto sócio-histórico, denunciam e refletem entraves e belezas, desnudando múltiplas e silenciadas nuances da sociedade goiana (Britto, 2007, p.01).

Sendo assim, pensando no escopo deste escrito, pode-se dizer que a poesia de Cora Coralina é uma fonte que apresenta grandes possibilidades de estudo e investigação em relação aos becos da Cidade de Goiás. Sua obra literária abre espaço para o entendimento desta imagem marginal intrínseca aos becos, e de como seus moradores e frequentadores estão alocados no imaginário local. Os becos ganham destaque na poesia de Cora, os contos e as vivências urbanas são traduzidas a partir da vida nos becos, dos personagens que neles residem e circulam, das relações e reações que provocam como palco ou bastidor. (Britto, 2007)

No ano de 1965, Cora Coralina publicou o seu primeiro livro, a obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. A poetisa justificou sua escrita no dever de resguardo da memória, dos causos e das estórias da Cidade de Goiás para que estes cheguem até as próximas gerações. Colocando-se então, como uma guardiã da memória coletiva da cidade, que passa também por suas memórias e lembranças pessoais. É importante frisar, que ao publicar este livro, Cora já se apresentava como uma mulher de idade, fato que ela mesma ressalta no que diz respeito ao seu papel de levar a essência goiana para os mais jovens. “Cora Coralina se declarou capaz de produzir “os autos do passado” da cidade de Goiás, anunciando que essa tarefa era também recriação da própria vida. O gênero e a ancianidade são condições para o tecer da memória: essa tarefa é desempenhada por uma mulher “no tarde da vida”. (Delgado, 2008, p.391),

O livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* apresenta uma linguagem simples, e assim que foi publicado caiu nas graças do público. Os poemas publicados no corpo desta obra, apresentam um panorama sobre os personagens dos becos, os menos abastecidos no contexto social da antiga Vila Boa de Goiás, como as lavadeiras, a cabocla velha, as cozinheiras, as prostitutas, aqueles que são anônimos dentro da história e cultura da Cidade de Goiás, servindo então como um exemplar que revela e transfigura a estética dos becos da acima referida cidade. O poema de Cora Coralina escolhido como foco de análise, é o “becos de Goiás”. A partir de trechos do referido escrito, os questionamentos acima apresentado serão respondidos.

Os Becos de Aninha: Uma Breve Análise dos Becos da Cidade de Goiás Através do Poema “Becos de Goiás”

Os becos são espaços que possuem uma carga simbólica, entrelaçando memórias e fomentando a construção de identidades. Em uma cidade como Goiás, que carrega o título de Patrimônio Mundial da Humanidade, colocar em debate os posicionamentos e reflexões que partem sobre estes lugares é de fundamental importância. Neste contexto, é necessário entender, que o patrimônio sendo um instrumento de poder, pode elevar ou diminuir ainda mais comunidades e espaços que historicamente estão na subalternidade.

O conceito de patrimônio reverbera de forma concreta na sociedade, seja na política, na economia ou sociedade. Desta forma, não está descolado da realidade, ao contrário, ele é parte dela. Pode surgir para educar e sufocar o pensamento crítico, para ocultar as narrativas que vão contra os interesses de classe dominante ou serem simplesmente serem alienados ao mercado de consumo. Na contramão, o patrimônio pode ser um instrumento de mediação do sujeito no mundo, de exaltar pensamento crítico e as lutas, as experiências presentes no cotidiano. Pode ser um instrumento, como coloca Benjamin (1996), de “escovar a história a contrapelo” e denunciar os horrores da econômica, da pobreza, da miséria e desigualdade social, em outras palavras, uma ferramenta de lutas (Viana, 2021, p. 15).

Os versos de Aninha, possibilitam o vislumbre da sociedade vilaboense pelo viés temporal da poetisa, fazendo com que haja uma tradução dos costumes, visões, perspectivas e usos dos becos. Em relação aos seus usos práticos e o dia a dia funcional dos becos, a poesia de Coralina (2012, p.63), também favorece uma visão dos trabalhos que eram realizados nos becos:

Amo esses burros de lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

Os referidos espaços, mesmo com toda a sua relevância prática, se contrapunham aos espaços bem vistos pela comunidade, vistos como as linhas tortas e repositórios de tudo aquilo que deveria ficar escondido. Nas primeiras

linhas do poema “becos de Goiás”, Coralina (2001, p. 93) descreve espacialmente os becos, colocando-os da seguinte forma

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre [...]

Não apenas os usos operacionais e a espacialidade dos becos que estão em evidência no poema “becos de Goiás”, é possível através do trecho abaixo vislumbrar as mazelas em que as pessoas que moravam entre os becos vivenciavam. Cora Coralina (2001, p. 93) destaca a presença de um menino entre a sujeira e o trabalho árduo atenuante dentro dos becos, o que possibilita enxergar a exclusão social que estas pessoas viviam.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade [...]

Existem muitos becos na Cidade de Goiás, a partir do trecho abaixo, Cora faz uma alusão a alguns becos, citando nomes, o que possibilita o conhecimento em relação as nomenclaturas dos mesmos. Nos primeiros versos do trecho abaixo, Coralina (2001, p. 93) reforça o retrato marginal ligado aos becos, e ao serem mencionados, percebe-se a presença de alguns becos que homenageiam personalidades importantes para o contexto goiano, outros que representam paisagens ou lugares relevantes da cidade, mas também alguns que foram denominados por populares, como o beco do cotovelo por exemplo.

Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...
Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica [...]

Os becos eram constituídos como o lugar daqueles que deveriam ficar a margem da sociedade, na escuridão e vergonha. Nos becos, “foram depositados todo sujo, pobre, personagens que eram considerados sem valor e com costumes que não tinham aprovação da aristocracia da cidade, por isso deveria ser evitado, lugar de gentinha” (Guimarães, 2022, p. 69). Nos versos finais do poema *Becos de Goiás*, Coralina (2001, p. 93) faz uma alusão a imagem acima referenciada,

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos [...] mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco [...]

Cora Coralina desvenda a sociedade da época a partir dos becos, através de sua obra é possível entender as representações marginais ligadas aos becos, suas funcionalidades e contribuições sociais. Ela revela a partir de cada palavra, uma parte da cidade que não deveria aparecer, que não representaria aquilo que a sociedade vilaboense até então gostaria de perpetuar. Segundo Britto, (2013, p. 120) “o beco se tornou lugar de história e de marginalização, especialmente das prostitutas pobres que começavam em boas casas e, depois, baixavam para os becos”.

Os trechos acima analisados, favorecem os estudos sobre os becos da cidade de Goiás, constituindo-se como uma importante fonte de observação e investigação. Por meio da poesia de Cora Coralina, é possível vislumbrar as mazelas e a situação de marginalidade em que os moradores dos becos viviam. De acordo com Guimarães (2022, p. 67), os becos,

[...] eram a contraposição, enquanto as ruas eram as veias que ligavam as casas das famílias da sociedade, famílias estas com sobrenomes tradicionais, pertencentes ao polo dominante, os becos eram construções para facilitar o acesso aos quintais dessas casas, onde circulavam os segregados, submissos.

Os poemas, mostram também como estes espaços eram alocados dentro de um projeto de segregação social. Como pontua Tamaso (2007) em sua tese de doutorado, que tal imagem ainda perpetua o imaginário vilaboense, não permitindo com que os becos sejam vistos a partir de suas contribuições históricas, culturais e identitárias no contexto patrimonial da antiga capital do estado de Goiás de forma plena.

Cora Coralina é um nome muito forte na cidade de Goiás, seu repertório é bastante utilizado no sentido de representação da cena patrimonial vilaboense e na imagem do próprio estado de Goiás pelo país e pelo exterior. No que diz respeito as contribuições de Cora Coralina em relação a valorização patrimonial dos becos, pode-se dizer que, a sua trajetória literária contribuiu para ele, ainda mais quando se pensa na personificação de Cora Coralina como uma mulher monumento, termo dado pela autora Andréa Ferreira Delgado,

A Mulher-Monumento constrói a si mesma e é construída como repositório do patrimônio cultural que se formou ao longo do tempo e como responsável por sua transmissão às novas gerações; como mulher memória, cuja vida se entrelaça ao passado coletivo; como narradora das histórias e tradições da sua terra natal ao trabalhar a experiência como matéria-prima da criação literária e das lições de vida que comunica (Delgado, 2008, p. 393).

Assim sendo, a obra de Cora Coralina abre espaço para o vislumbre dos becos na Cidade de Goiás, possibilitando uma gama de análises sobre eles, como eram vistos, julgados e seus moradores tratados. Colabora no sentido de valorização patrimonial dos becos, justamente por serem alocados em posição de destaque dentro da obra da mulher monumento.

Considerações finais

Diante do exposto, é notável a importância dos becos para a história, cultura e identidade vilaboense. Os becos foram construídos em meio a um intenso processo de urbanização da cidade de Goiás, abertos com objetivos práticos e comerciais, mas que com o tempo serviram de repositórios para aqueles que não eram bem-vindos (as) dentro da alta sociedade. Mesmo com todas as práticas culturais, costumes e a memória embutida dentro deles, a visão pejorativa e marginal que nasceu com eles, ainda em período colonial, ainda insiste em permanecer dentro do contexto patrimonial. É importante frisar, que a Cidade de Goiás é patrimônio histórico e cultural da humanidade, dentro deste contexto existe uma situação de segregação, em que certos espaços são beneficiados com a tutela do patrimônio, enquanto outros subsistem em posições subalternidade.

Cora Coralina, um ícone goiano e seus poemas são bastante reconhecidos, o fato dos becos fazerem parte deste panteão literário, faz com que haja uma contribuição no sentido de debate sobre essa imagem marginal, servindo como uma rica fonte de estudo, análise e investigação. Cora escreve sobre os becos a partir de suas lembranças e observações, coloca as suas memórias e vivências em cada verso de suas poesias, sendo assim possível enxergar os becos a partir de seus escritos, ou seja, Cora Coralina dá visibilidade aos becos “discriminados e humildes”.

Referências

BRITO, Carolino Marcelo S. de. Mário de Andrade: um nacionalista ou um regionalista paulista no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional? *Revista de História da UEG*, v. 6, n. 2, p. 42-63, 2017.

BRITTO, Clóvis Carvalho. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1,

2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1724. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1724>

BRITTO, C. C. A terceira margem do patrimônio: o rio Vermelho e a configuração do habitus vilaboense. *Diálogos*, v. 18, n.3, p. 975-1004, set.-dez./2014. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33914>

BRITTO, Clovis Carvalho. A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas histórias”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 42, p. 113-127, 2013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/elbc/a/kFNqS3gbR475MC3cxqzDQfH/abstract/?lang=pt>

CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CHUVA, Marcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: DUARTE, A. (ed.), *Seminários DEP/FLUP*, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, p. 16-35. 2020.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e histórias mais*. 20. ed. São Paulo: Global. 2001.

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a construção da mulher-monumento. *Caderno Espaço Feminino*, v. 1, 2008, 387-416. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/2117>

GUIMARÃES, Giovana do Carmo Gonçalves et al. *O eu e o outro nas memórias dos becos: a alteridade na resistência poética de Cora Coralina*. Goiás: POSLLI/UEG, 2022. Disponível em:
https://www.bdtd.ueg.br/bitstream/tede/1249/2/DISSERTACAO_GIOVANA_DO_CARMO_GONCALVES_GUIMARAES.pdf

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora revista dos tribunais, 1990.

KHALED JR, Salah H. *Horizontes identitários: a construção da narrativa nacional brasileira pela historiografia do século XIX*. EdPUCRS, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/355684145_Horizontes_identitarios_A_construcao_da_narrativa_nacional_brasileira_pela_historiografia_do_seculo_XIX

PESAVENTO, Sandra. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, p. 9-18, 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/lepaarq/article/view/893>

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricos*. RJ, vol.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>

SANTOS, Nádia Maria Weber; GRANSOTTO, Luciana. Beco como lugar de intervenção para acesso às sensibilidades urbanas e suas memórias. *Revista Memória em Rede*, v. 9, n. 17, p. 3-25, 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/11377>

SIMSON, Olga Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Revista Margens*. São Paulo, V.1, n.1. 2004. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2831/0>

TAMASO, Izabela Maria. *Em nome de patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*.(tese). Brasília: UnB, 2007. Disponível em: http://www.dan2.unb.br/images/doc/Tese_078.pdf

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. In: *Sillogés*, v. 1, jan /jul, 2018, p. 41-60. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15091/1/Educacao_Patrimonial_Decolonial_perspect%20-%20Atila%20Tolentino.pdf

VIANA, U. F. O conceito de patrimônio, perspectivas e contradições. In: ANGELO, E.R.B. *Textos Completos do III Congresso Internacional e Interdisciplinar em Patrimônio Cultural*. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2021. Disponível em: https://www.ciipc2020.rj.anpuh.org/resources/anais/13/ciipc2020/1617126259_ARQUIVO_daac50158dbfa08180b85f1a9c9e174c.pdf

Keley Cristina Carneiro

Licenciada e Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Estadual de Goiás no curso de História e no Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG/Câmpus Cora Coralina).

E-mail: keley.carneiro@ueg.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0808538186850613>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0670-9967>

Thays Taynara de Sousa

Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina. Especialista em linguagem, cultura e ensino pela UEG / Câmpus Inhumas e Mestranda em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio – PROMEP/UEG.

E-mail: thays.ts@hotmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8438158540395980>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6057-3777>

Recebido para publicação em agosto de 2025.

Aprovado para publicação em outubro de 2025.